

# OPERETA (QUASE BUFA) EM 2 ATOS E 1 EPÍLOGO

dedicada a algumas pessoas que se preocupam comigo, à cada uma em particular porque cada uma se preocupa de uma maneira particular

## I ATO (EM QUE FALO DA DOAÇÃO)

Ninguém pode me pedir, porque me dou.  
Numa constante necessidade de me dar.  
Sei muito pouco de você, talvez não procure saber, talvez você não me diga e eu não saiba descobrir. O que sei e o que me importa é que embaixo das pálpebras existe um mundo encantado e me basta saber que existe... Não procuro saber mais, talvez a impaciência me impeça.  
Eu sei é que gostaria de construir cada palavra de amor, cada gesto de poesia, cada instante, num ritual solene e belo de entrega.

## II ATO (EM QUE TORNO A FALAR DA DOAÇÃO)

NÃO PERMITO QUE NINGUÉM ME PEÇA  
porque antes que isto aconteça me dou.  
Em cada cor,  
em cada letra A ou Z,  
em cada mão.  
dou tudo que posso. E não quero pedir nada de volta.  
Se eu peço é que preciso sobreviver.  
Meu parentesco com as putas  
Me obriga a pedir.  
Eu preciso sobreviver...

Mas não me peçam  
porque me devo dar ao mundo  
já que estou aqui

Me devo dar em cima de cada tela branca  
Em cada poesia incompleta e pisada.  
Em cada trabalho quebrado, pelo vento, em tempestade.

## EPÍLOGO (EM QUE EXPLICO O PRANTO)

Ah,  
o tempo em que eu era príncipe e ainda sabia sorrir  
e que acreditava em tudo no alcance de minhas mãos,  
como as fadas e as sereias.  
O tempo em que eu tinha  
a boca viva, vermelha e brilhante

e os dentes pequenos  
e os olhos graúdos como pitomba.

Ah,  
O tempo em que eu era príncipe  
e nada podia  
(a não ser uma bruxa de louça  
e uma sanfona que não sei mais tocar) porque tudo eu tinha.  
Ah, o tempo em que adquiri medo do escuro, e de mais nada.  
Em que eu brincava, sozinho, de guerreiro e Valquiria  
e misturava todos as crenças  
porque eu não tinha outro  
que não fosse em mim e meus brinquedos.

Hoje não tenho nenhuma,  
continuo sozinho mas não sei mais brincar. E tenho medo do escuro  
e de tudo  
(um medo enorme das companhias construtoras demoliram  
também o meu amor  
para erguerem mais um edifício

Eu sou tudo, ou nada,  
Ou o essencial  
uma troca:  
uma mão em meus cabelos  
por cada gemido  
um abraço  
por cada lágrima, um beijo  
por cada grito  
infinito e rouco  
que sai das minhas entranhas como um filho de puta.  
E nada quisera pedir  
mas preciso sobreviver...  
E me dou como as prostitutas  
E toda humanidade que precisa de uma lágrima  
para  
fazer jorrar seu esperma  
sujo e vil...  
E como elas preciso  
do óbulo que pouquíssimos sabem dar  
a maioria me espanca  
e pede mais. Exige.  
Mas não permito mais que me peçam  
Porque já me dei todo  
E minha boca cansada de beijos  
que não recebeu,  
que pediu e não veio, que deu o não pediu;  
e meus olhos um pouco desiguais  
se vestiram de um pranto que não sei  
e me surpreendem quando os ponho  
no espelho  
e minhas mãos já não têm alcance; e eu já não sou príncipe  
e quase não sei sorrir.  
Carrego meus anos nas costas  
(19 é pouco, né?  
E 29?  
E 39?  
E 109?  
E mil e 9  
E 9 mil?)  
Carrego meus mortos. Meus milhões.  
Minhas Casas que são minhas  
e não são.  
Construções civis/navais. Locomotivas.  
Propriedades urbano/rurais. Carrego o peso de séculos  
de civilização.

Carrego o destino  
que forjaram para o mundo Carrego meu futuro.  
Meus botões.  
Se joga tudo para o ar  
cai nas minhas costas  
e rompe minhas roupas esmulambadas de poeta. Romperá minh'alma  
a queda brusca de uma estrutura  
que não posso carregar.  
e me insistem por cima.

Os meus se esvaíram  
como o sangue do grande miura na areia da arena

el matador já se foi sob aplausos e flores

aqui estou. deitado. morto.

porque o destino, como o toureiro,  
esconde a espada atraz do rubro manto QU8 balança em sua  
purpitude.  
atrai.

E vamos cegos  
Sem medo,  
para a espetada final.

Tem feito bolos dias de sol e azul.  
E tantas vezes tenho tentado morrer:  
Me jogando da janela? Engolido todo o  
Espaço daqui à lá embaixo  
sem sequer me espedaçar.  
Sem sequer chegar.  
Som sequer me jogar.  
Continuo aqui em cima tentando outras mortes ignoradas.  
Quantas vezes uma bala atravessou-me o crânio.  
Sem sequer sair do cano.  
Sem sequer existir cano.  
Sem sequer haver revólver em minha mão.

Que pecado cometi contra Deus  
e contra os homens?

Por que pecado respondo neste exílio insuportável de minha solidão?  
porque crime este desterro?

Esta não nacionalidade.

Não tenho espaço nem conheço tempo. Sou fumaça de cigarro  
provocando um cancerzinho involuntário.

Sou sombra em poça d'água.

E nesta eternidade de fumaça e do sombra mo consumo em mil mortes  
ignoradas?  
não realizadas.

Nestes belos dias de sol e azul.

LÚDISO, OLHO EM VOLTA;  
ESTOU SÓ.  
AS LÁGRIMAS JÁ ME AVARAM  
E DEVOLVERAM A CALMA  
(NÃO DIGO A PAZ, QUE É MAIOR).  
VEJO PEDAÇOS DO MEU PASSADO,  
MINHA VIDA,  
PRESOS PELAS PAREDES,  
PELO ARMÁRIO,  
SOLTOS PELO CHÃO.  
O PRESENTE SE ABATE  
PESADAMENTE SOBRE MIM  
(SILÊNCIO, CARROS LÁ FORA,  
FREIOS; UMA CRIANÇA).  
O FUTURO?...  
TALVEZ EU SAIA POR ESTA PORTA,  
ACENDA UM CIGARRO  
E ME JOGUE PRA RUA,  
PRO MUNDO, PRO MUNDÉU.  
E TALVEZ DE MANHÃ,  
AOS PRIMEIROS RAIOS DO SOL,  
O ÚLTIMO BÊBADO  
OU O PRIMEIRO COMPRADOR DE JORNAIS E DE PÃO  
ACHE UNS TRAJOS NA SARGETA. Tudo é cinza  
E abaixo do passado céu aço e anil  
as coisas sucedem,  
se acontecem passo a passo.  
Em cada ato, em cada esquina.  
E tudo pode parar.  
As mãos alcançam tudo  
e as luzes se acenderam.  
Os carros se locomovem  
gemidos fenomenais.  
Espasmo sobre o asfalto.  
Sangue.  
A terrível máquina agigantada  
súbito toma impulso e avança  
e toma impulso.  
E a cada passo toma mais força.  
E passa nas avenidas

o homem adormecido não desperta pra ver seu fim



De repente descubro que é fácil  
ser feliz.  
É um afago nos cabelos  
se bem que pedido, não faz mal.  
Os dedos longos e morenos como raízes separando os fios enlo2dos  
de uma terra capilar.  
É isto ser feliz  
e durmo com um sorriso idiota  
nos lábios, que os sorrisos de felicidade parecem assim porque se  
recusam  
a dar explicações.  
E acordo sob uma chuva grossa e gostosa, como a proibida na  
infância,  
de flocos de espuma,  
que parecem neve ou mar em seus cabelos. E no moia da noite um  
abraço  
forte e bom como  
rinoceronte comer em sua mão  
ou pomba pousada na cabeça. E de manhã você vai embora  
e mo deixa só, porque não descobriu que felicidade é u~~abraço no  
meio da noite, com flocos e sem explicações.

É uma injustiça o não estar aqui esta noite.  
Uma injustiça para comigo  
e para com este cravo vermelho cravado no peito.

Sei, existe a cidade entre nós.  
Sei da distância que é por mais que o evitemos.

Sei, existem fatos, obrigações e consumações sociais...  
sexuais...

Sei, também existem os mortos e as sombras. Deixemos os mortos de  
lado,  
nada sabemos.

Estarão melhor.

Estarão pior.

E talvez um dia: quem era? Esquece.

As sombras andam atrás ou adiante conforme a luz; a nossa volta.

A elas o desprezo das coisas que não tem vida.

Sei, existe a cidade.

É o mais terrível.

Aprende a demolir

(estão precisando ajudantes em muitas das construções).

Sei, existe o sono.

O cansaço que toda presença te obriga.

Existe mais. e sei.

E continua ser injustiça o não estar aqui esta noite.

Talvez se desfolhe o cravo.

Talvez não saiba esperar.

E hoje eu tava tão belo.



P  
O  
E  
M  
I  
N  
H  
A

T  
R  
A  
G  
I  
C  
O  
M  
I  
C  
O

Vivemos a brincar de quem-falar-primeiro-come-todas-as-porcarias-do-  
mundo. E na nossa brincadeira não vale Menos-eu-que-sou-rainha-como-  
carne-de-galinha,  
ou menos-eu-que-sou-pedreiro-como-carne-de-carneiro.  
Mesmo porque os pedreiros sucumbiram embaixo  
de tanto cimento,  
mesmo porque as rainhas doaram seu poder  
e deixaram em paz as galinhas. E eu, disposto a chafurdar  
em porqueiras,  
abro a boca  
e solto tudo

que me ordena o coração.

É então que tudo entra pela boca que se abriu.

É	então	que	você	olha	
e	agente	sempre		briga	
Por		minha		insistência	
estúpida					
de	comer	de	uma	só	vez
toda	porcaria	do	mundo.		

chegou-me, e foi tal encantamento que não pude pedir a espera.  
mas os pássaros e os sonhos  
não esperam,  
vem e portem,  
o máximo que se pode fazer  
é preparar o alçapão e acordar:  
O alçapão mata o voa da avo,  
O despertar porte o peito.  
de uma ou de outra  
o encantamento acabo.

EU PREFIRO FICAR ENCANTADO  
A TER;

ode monumental

AMO PESSOA

POR SER

ELE TALVEZ

SOMENTE UM

SONHO

POR 'I'UGUES.

## LAMENTO

LAMENTO DOS POETAS, DAS PUTAS E DOS LOUCOS  
(e de todos os outros marginais e marginalizados)

Oh doloroso ócio em que me encontro por me saber artista  
e não querer estudar  
e não querer trabalhar em nada  
que não seja no duro ofício de criar. E não sabor criar  
e não poder.  
Uma absoluta incapacidade. Oh doloroso ócio do incapaz.  
Ócio do viver procurando um sentido  
quando Alberto Caeiro diz não haver sentido  
senão soro

Oh dolorosa incapacidade de lutar. contra meu ócio.  
E neste não fazer nada perene  
me desejaria morrer  
por uma absoluta falta de força de morrer de outro modo.  
Por uma absurda falta do vontade do nada fazer senão pedir  
amor o paz,  
Quando amor e paz anda  
em boca suja do todas as gentes, andam do mãos dadas  
em terrenos baldios,  
nos monturos das bocas humanos  
que mentem, numa mentira colossal, babilônico.  
Oh triste ofício  
de procurar amor num mundo senil e oficial.  
De procurar amor embaixo  
das camas (em cima só há  
um corpo velho o dolorido de  
prostituta ruiva).  
De procurar nas manchetes dos diários,  
e se algum dia encontra  
alguma pista, não é mais que uma ironia.  
Oh triste vontade de ser podre  
num mundo que se diz limpo e bencheiroso.  
escondido de baixo do fino verniz de civilização

é muito mais podre que eu.  
Ai triste verdade de não haver verdade  
nos sorrisos nem nos prontos.  
Ai triste morte radioso que escondo  
um corpo enorme, gangrenado.  
Ai triste morte, mais fraco que eu,  
não podes matar da vez estas vidas  
verminosas e bexigentas  
que se espalham pelo globo?  
Ai triste noite, amante

de todos os fracos o ociosos como eu, não podes ser eterna  
e extinguir este crepúsculo  
em que caíram todos os Deuses  
e todos os homens?



Ai, se eu pudesse chorar...  
Talvez numa lágrima  
horrorosamente verdadeira  
eu pudesse encontrar  
um sentido pra tudo,  
um sentido que fosse mais que ser.

TESTAMENTO DE UM PSICÓTICO  
MANÍACO  
DEPRESSIVO

Faço agora meu testamento porque de nada preciso,  
tudo isto é inútil agora  
Não tenho testemunhas porque estou sozinho.  
Espero que isto seja tomado como verdadeiro o que se dê o devido  
crédito  
às minhas vontades derradeiras.  
Tenho um sabonete roxo  
que evite caspa, espinha, cravos e manchas e substitui com vantagens  
qualquer shampoo.  
Que fique para quem precisar,  
como eu,  
quem sentir que preciso ser mais belo,  
quem souber olhar de frente o espelho  
e dizer: hoje estou feio, preciso melhorar.  
Meus discos que acalentaram  
meus sonhos desérticos  
com mil vozes de outras gentes e com minhas sensações,  
fica pra quem substitui com música os barbitúricos.  
Tenho ainda umas penas do pavão meio transfigurados pelos traços,  
bem verdade,  
e um par de sapatos com estrelas,  
pra quem quer se enfeitar.

E um beijo perto do fim pra todo mundo.

Deixo tudo que pensei ter  
porque agora vejo que tudo que agente tem não passa de uma ilusão de  
ter.  
Deixo tudo que eu tive ou não tive.  
porque sinto cheiro do amor no ar.  
O resto a gente conhece,  
todo dia vê  
e já não é novidade.  
O mundo acabar, todo dia um pouco acaba. Só falta, é o que pode  
acontecer, uma explosão de flores,  
uma canção de amor  
(sem poemas desesperados).  
Só falta, o que pode acontecer de novo...

CORTE - PLANO GERAL

Sem pestanejar, me seguro  
galopando o potrinho chucro,  
volto todo prateado  
daqui o 5000 anos quando o cometa voltar.

As rodas mágicas do tempo  
destruirão estes corpos  
Em voz de vermes, troças vão celebrar  
nossa morte.  
Num frenesí feérico  
devorarão todo o banquete  
oferecido.  
Troças, em voz de vermes, porque somos  
culto, civilizados o inúteis.  
Porque nossos poesias  
não alimentam famintos.  
Nossos quadros não abrigam  
um só mendigo.  
As estátuas não aquecem  
os desabrigados.  
Nossa música não acompanha  
o funeral de nenhum lavrador.  
Nossa dança não veste  
os que estão nus e frios.  
Nosso teatro não faz  
nenhum rei dizer:  
estivo errado.  
O cinema, mercado de ilusões,  
mata aos poucos os desesperados.  
E morreremos todos  
na grande Biblioteca Alexandrina  
entre gritos o espasmos  
de baratas históricas